

Porque hão-de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.

Mateus 24:24

I

De repente, chega o nevoeiro. Ainda é Verão, mas dir-se-ia uma madrugada de Janeiro, coberta de nuvens que escorrem pelo cabeça abaixo como leite frio. Tudo zumba à volta deles: em cada oliveira pode bem estar escondido um cortiço de abelhas enfurecidas. Só as ovelhas estão silenciosas, miram-se umas às outras sem um movimento. “Têm medo”, pensa Francisco. Ele também tem medo, nunca viu uma névoa assim, tão opaca e pesada, tão perto de o afogar. Quando os alcança, parece um cobertor de papa, escuro, gordo, pegajoso.

A brisa súbita solta protestos dos ramos à volta e molha as crianças com um frio que as magoa até aos ossos. A pouca roupa que trazem não os pode proteger de tal regelo.

“Está tão frio”, grita Francisco.

A Lúcia responde-lhe já de longe, meio escondida pela bruma: “Vamos abrigar-nos na loca!”

Correm os três para a pequena caverna junto ao alto do monte. Não chegam a entrar; o zéfiro muda de rumo e ganha força, sopra do topo do cabeça, empurra-os para longe da abertura na rocha. O vendaval endemoninha o nevoeiro, em rodopio à frente deles, misturado com folhas arrancadas às oliveiras e poeira do chão ainda seco. Agora, sim, as ovelhas soltam balidos aflitos, como que a pressentir lobo.

Mas já não é apenas ar o que se contorce. No centro do turbilhão há um clarão, cada vez mais reluzente, um farol furando a névoa de dia de naufrágio. Não; é também mais do que luz. Ali está alguém coberto com um lençol, a bailar com o vento, envolto no brilho do seu próprio fulgor. Devagar, muito devagar, aquilo pára e desce ao chão.

A Lúcia vira-se para Francisco e diz:

“Não tenhas medo, é o mesmo Anjo que eu vi no outro dia, quando estava com a Teresa e os outros. Estás a ver como era verdade?”

O Último Segredo de Fátima

Quando o lençol se agita ao vento, Francisco vê um pouco do rosto do Anjo. E vê uma máquina, os dentes cruéis de uma debulhadora mordendo-se sem cessar. Vê agora uma chapa lisa, depois um enxame de engrenagens, dentes mecânicos a girar uns contra os outros no relógio da igreja. E agora de novo a debulhadora, de alguma forma a olhar para eles e a parecer querer falar.

Francisco apenas ouve o chio de portas velhas, um guincho que lhe ergue os pequenos pêlos dos braços em arrepio de ver defuntos. Ele arrisca a reza de um Pai Nosso, olhos bem fechados e mãos enclavinhadas uma na outra até que as palmas lhe doem. Nada quer ouvir; mesmo assim, as palavras começam a chegar-lhe, roufenhas, incompreensíveis. Parecem algo que já ouviu na missa:

“ex unitate et intellectu et anima mundi vita in naturam venit, quia natura est deus revelatus et dea revelata.”

Jacinta está de joelhos e pose de prece, não ousa levantar-se para encarar o Anjo. A Lúcia aproxima-se dele sem receio, com um sorriso quase desafiador.

“Porque estão com medo? Não vêem como ele é bonito? É o Anjo da Paz... e veio só para falar connosco!”

Francisco deseja fugir, mas as pernas amolecem, o corpo rebelar-se num quebranto doente.

“Não gosto dele, Lúcia! Diz-lhe para se ir embora!”

Ele continua às cegas, sem que isso chegue para o embotar à lengalenga do Anjo:

“...et anima mundi vita in naturam venit, quia natura est deus revelatus...”

“Mas tu queres ir para o Inferno? Então ofendes assim o Anjo da Paz?” a Lúcia, brilhando também ela à luz do Anjo. “Ele trouxe o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, para nós comungarmos. Cheguem-se a mim.”

Francisco força-se a olhar de novo. O Anjo estica um braço; da sua ponta não surge uma mão, só um esguicho contínuo de sangue e pedaços de carne, caindo para a terra já empapada. Lúcia leva àquela fonte as duas mãos em concha. A submissa Jacinta aguarda a sua vez. O rapaz não quer ver o rosto encarniçado de Lúcia, o sangue que lhe escorre pelo pescoço. Mas ouve-a bem:

“É o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, e maldito sejas tu se o recusares!”

Aos gritos de Francisco, responde o uivo de um cão perdido na lonjura.

II

O ar condicionado do *Corsa* não funcionava. A cada três minutos, Carlos tinha de pegar no pano para desembaciar o pára-brisas; a alternativa era ligar o aquecimento e tornar a viagem num suplício ainda maior. Desta vez, tentou a manobra em simultâneo com o acender de mais um cigarro. Sem controlo, o volante girou lentamente, levando o carro a invadir a outra faixa da auto-estrada. Dali, soou o alarme da buzina de um viajante assustado. “Não te preocupes que não vamos morrer hoje”, retorquiu Carlos mentalmente, enquanto agarrava o volante. “Pelo menos eu não vou. Estou em missão, ao serviço do Senhor...” Um sorriso.

No rádio, a já insuportável cassette do costume: os grunhidos pós-modernos que a sua namorada do semestre passado entendia ser “música alternativa”:

Your body's like a junkie

Craving the right moves.

When it gets what it loves

Then maybe you'll be me.

“Um dia, tenho de tentar perceber o que isto quer dizer, afinal. Onde terei posto a cassette do Fausto?” Estava de novo a falar consigo mesmo; mas o Doutor Custódio tinha-lhe garantido que isso era inteiramente normal, talvez até “uma forma saudável de sublimar a angústia inerente aos períodos de solidão”. Também tinha de tentar perceber aquilo. Mas, antes, era melhor ligar o rádio, ouvir as notícias; não fosse a guerra já ter começado. Mais música estranha...

Oh why do I always

Have to be a failure?

Pelo menos, isto percebia-se bem. Demais. Lá fora, a A1 corria no entardecer pardacento que já prenunciava a chegada da chuva. Uma zona de fábricas: barracões feios, tapados a lusalite, com nomes improváveis como “Mármore Santos”. Ou estações de serviço sujas e cansadas, com moscas, sandes de panados e filas de mulheres obesas à porta da casa-de-banho.

De repente, soa Vivaldi, torturado no irritante toque histórico-polifónico do telemóvel da revista. Também tinha de aprender a mudar aquilo.

– Está lá? Quem me incomoda?

– Carlos? É o Armando.

– Já imaginava. E que se passa? Os gajos invadiram o Irão?

O Último Segredo de Fátima

– Não é nada disso. Tenho de te pedir um favor.
– A Laura anda outra vez com ânsias eróticas incontroláveis?
– Engraçadinho. Pelo menos eu ainda arranjo quem me leve a sério. Ouve lá: estás à vontade para recusar isto... mas precisava que me fosses cobrir um crime em Fátima.

– Crime? Além da arquitectura da nova Basílica e da massa que lá enterraram?

– A sério: parece que massacraram uma família inteira. Assim uma cena tipo filme de terror.

Sobre a auto-estrada, em voo muito baixo, passa à sua frente uma avioneta com uma tira publicitária a reboque: “Festa da Espuma – Discoteca Strobs”.

– Bonito.

– Sabes que eu não te pedia se não fosse mesmo preciso. O nosso homem em Leiria está a tomar conta de um naufrágio: mais uma traineira que se foi. E os teus contactos na Judiciária podem dar jeito. Mas posso mandar a Ana...

– Não te preocupes; já te disse que estou bem. E, com a guerra a rebentar, não faz sentido nenhum termos duas pessoas neste cu do mundo.

– Ouve: tens a certeza que já consegues encarar uma coisa destas? Afinal, ainda nem dois meses passaram...

– Esquece. Estou OK. Mas obrigado por fazeres de conta que te preocupas. Manda-me uma mensagem com o endereço, que eu passo lá mal chegue a Fátima.

– És um anjo. O fotógrafo já lá vai estar. Dá-me o que puderes até terça. Cuida-te. Beijos.

– Hmm. – Inútil responder; o seu editor já desligara.

Não, não era mesmo daquilo que ele precisava. A semana de regresso ao trabalho ia ser menos tranquila do que imaginara. A nova Basílica manchada por um crime, um mês antes de ser inaugurada? O bispo não ia ficar nada feliz...

Começara a chover a sério. As escovas ronceiras empastelavam uma espuma de insectos esmagados e pó, esborratando o rio de metal que corria do outro lado do separador. Ele abrandou.

Lá ao fundo, os pirilampos aziagos de ambulâncias e carros da polícia. Mais um acidente.

O rádio. Mas que dizia o rádio?

A música cessara; sobre as interferências, uma voz feminina, repentinamente o que parecia ser uma só frase. Ele rodou o botão do volume:

“... mas onde vais? Carlos, mas onde vais?” Depois, uma vaga de ruído, as palavras cobertas pelo refrão de uma cançoneta em voga.

“Mas que Diabo?”, murmurou ele, tentando sintonizar de novo a voz. Estava a passar pelo acidente; um pequeno desportivo vermelho capotado. Os bombeiros colocavam o condutor numa maca. Aquela velocidade, mesmo através do vidro molhado, ele pôde ver-lhe bem a cara pela janela do lado. Só que aquela cara não devia estar ali. Não podia estar ali. Fechou os olhos e acelerou a fundo. E de novo a voz, clara e tão evidente: “Carlos, mas onde vais?”

O lençol de água apareceu-lhe debaixo das rodas sem aviso. A direcção de súbito muito leve, um pequeno toque no volante o suficiente para fazer do automóvel um projectil entregue às leis de uma balística letal. Por segundos, ele ficou imóvel, parado no centro do universo, enquanto a Terra girava desembestada à sua volta. Mas logo o instinto o levou a agarrar o volante, a esmagar o pedal do travão. Rodava a direcção ao acaso, de um lado para o outro, esconjurando os *rails* que giravam cada vez mais perto do *Corsa*. Alguns pormenores lúcidos ficariam para sempre na sua memória: o carro azul a desviar-se dele no último instante, as buzinas furiosas, o telemóvel que levanta voo do *tablier* para lhe embater na testa.

E a Terra estacou. Tivera a sorte de conseguir parar sem tocar em nada. O motor fora-se abaixo, deixando-o no sentido certo, a centímetros da barreira metálica. Abriu as janelas e ligou os quatro piscas. Após alguns minutos, saiu para a chuva fria. Nem precisava de olhar para ver o GNR a correr para si, de bloco em riste e atenção afiada à procura dos pneus carecas.

Mas estava só. Nada de GNR. Nem de acidente. Até onde conseguia ver, o trânsito escorria calmo no leito da auto-estrada; sem macas, cadáveres ou ambulâncias nas suas margens.

O rádio recitava um boletim meteorológico, indicações precisas e inúteis de temperaturas nas Penhas Douradas. Cinco minutos depois, Carlos ganhou coragem para ligar de novo o motor.

III

Samuel batera à porta duas vezes, mas a música ribombante que saía do gabinete provavelmente impedira que alguém o ouvisse. Após uma espera educada, ele entrou.

– Vossa Excelência Reverendíssima...

O bispo levantou-se da secretária e dirigiu-se a um pequeno sistema de alta-fidelidade, desligando a música. O escritório era amplo, paredes cobertas por estantes, serigrafias e móveis de *design* moderno e discreto. Um local de poder esclarecido, se bem que aparentemente laico: a escassez de adereços religiosos surpreendeu Samuel.

– Bom-dia, Diácono. Estou a ver que é homem pontual. Aliás, não esperava outra coisa. Mas deixe-se de medidas, por favor. – Furtando o seu anel ao beijo protocolar, o bispo avançou para um curto e vigoroso aperto de mãos. – Gosta de Messiaen? Ajuda-me a meditar e relembra-me que, mesmo nestes dias atribulados, ainda há homens de génio desejosos de colocar a sua arte ao serviço do Senhor...

Samuel encolheu ligeiramente os ombros e não respondeu. O bispo também não parecia homem que precisasse de respostas para entabular animadas conversas. Pequeno, quase careca, tudo no seu corpo magro sugeria energia pura; ao contrário das suas palavras, nenhum gesto era desprovido de objectivo. Ali estava um homem poderoso que cobria uma determinação absoluta com um manto de afabilidade tagarela.

– Não se importa, pois não? – Ele apontou para Samuel o pesado charuto. – Ou talvez queira um? É cubano. – Inalou, fazendo do cilindro castanho uma chaminé esbraseada. – Excelente. Só mesmo um estado ateu para fabricar uma tal glorificação dos sentidos...

– Obrigado Senhor Bispo. Não fumo.

– Muito bem. Sentemo-nos. – E tratou de seguir a sua indicação. – Vamos ao assunto que o trouxe aqui. Eu sei que é um homem ocupado e peço desculpa por o ter subtraído aos seus afazeres no Porto. Mas o seu passado e as suas... habilitações fazem de si a única pessoa a quem eu poderia confiar esta missão.

– O meu tempo pertence à Igreja. E é sempre um prazer visitar Fátima. – Por fim, Samuel sentou-se também. Esperava poder disfarçar a antipatia que o seu interlocutor lhe inspirara mal o vira.

– Antes de tudo, tenho de lhe fazer uma pergunta. E conto que responda com sinceridade total. Acredita em Fátima?

Samuel vacilou como se atingido por um golpe físico.

– Mas claro... como não? Como explicar tudo isto? – Samuel acenou com a cabeça para a janela, onde era bem visível a azáfama em torno da futura Basílica, na praça Pio XII.

– Deixe-se de sofismas. Não lhe pergunto se crê na existência de uma terra chamada Fátima. Quero saber se acredita que foi realmente a Virgem Maria quem surgiu aos videntes em 1917. Como sabe, não é pecado não acreditar. O próprio Cardeal Ratzinger disse que os Católicos são livres de aceitar ou não as Aparições de Fátima como autênticas.

– Mas João Paulo II, que Deus o tenha, viu nas Aparições a concretização de profecias bíblicas...

– Diácono, não preciso de si para conhecer as ideias do último Santo Padre. Mas preciso de conhecer as suas. – Mais uma bafurada. O ar começava a ficar irrespirável, com aquele fedor a couro queimado.

– Não estou a fugir à questão. De forma alguma. Acredito sem reservas na autenticidade das Aparições.

– Ainda bem. – Como um felino saciado, o bispo espreguiçou-se de forma quase invisível, fazendo ranger a sua cadeira. – Então, ouça-me e reserve as perguntas para o fim. A igreja da Santíssima Trindade vai ser inaugurada daqui a um mês. Fátima já está apinhada de peregrinos e todos os dignitários da Igreja estão a caminho: bispos, cardeais, sei lá. Como é público, o próprio Santo Padre estará em Fátima durante uma semana. A cerimónia vai ser transmitida para todo o Mundo Cristão e mesmo mais além.

– Vai ser um grande dia para todos.

– Sim. E não estou a falar de acontecimentos sociais ou turísticos. A imposição de Maria no trono que é seu de direito começou no Concílio de Éfeso e não tem sido um caminho fácil: foram precisos mais de mil e quinhentos anos de História da Fé para chegarmos aqui. A Igreja, a própria Cristandade, não mais voltarão a ser as mesmas. E diabos me levem se vou permitir que algo venha estragar este momento... desculpe a expressão.

Mesmerizado, Samuel admirava o súbito entusiasmo do bispo. Mesmo sem deixar de perceber que ele estava a apreciar o efeito da sua própria veemência.

– Mas quem poderia querer prejudicar a cerimónia? Ia jurar que toda a gente está feliz: da Igreja aos hoteleiros e vendilhões locais. – Samuel aproveitou a pausa com que o bispo retomava o fôlego. – Se até o Presidente cá vai estar e nunca ninguém o tomou por beato...

O Último Segredo de Fátima

– Um pouco de cinismo... deformação ocupacional da sua profissão, suponho. Não tome isto por censura; gosto de espíritos críticos, ao contrário do que por certo lhe contaram. – Tempo de apagar o charuto num só movimento brusco. – O Presidente não me preocupa: o Santuário vai ter quase um polícia por peregrino. Mas acontecimentos espirituais desta magnitude atraem malucos como as lâmpadas atraem traças e melgas. Devemos estar atentos. E talvez haja mais do que isso; há coisas anormais a acontecer por aqui. Ainda anteontem, morreu um homem no Santuário. Nesta noite, houve um massacre horrível em pleno centro de Fátima: uma família desfeita à machadada. Cinco pessoas, incluindo duas crianças. Uma tragédia nunca vista por estes lados. É este género de acontecimentos que me alarma. E o Reitor comunga por inteiro das minhas apreensões.

– Bem antes disso, o Senhor Bispo já pedira a minha vinda aqui...

– Nem sei bem como lhe explicar as minhas angústias. As nossas almas mais... sensíveis... têm andado inquietas. – Pela primeira vez, o bispo pareceu-lhe um ser vulgar, desprotegido e assustado. Samuel não conseguiu impedir-se de sentir um pouco do medo do outro. – E há relatos de... fenómenos. As pessoas dizem que vêem coisas, que têm sonhos. Enfim, tudo histeria das grandes ocasiões. – Com a mão direita, dispersou uma nuvem de fumo mais persistente, como quem expulsa um mau agouro. – Mas não quero deixar nada ao acaso.

– E aí entro eu. Um polícia reformado, com alguns modestos serviços já prestados à Igreja em áreas menos convencionais...

– Preciso de um homem treinado e experiente, que saiba ver para lá da histeria, até ao osso dos factos. E preciso de um homem de Fé, com votos de obediência à Igreja; claro que nada do que lhe disse poderá sair daqui.

– Como sempre, debaixo da rosa... – Samuel não reprimiu um pequeno sorriso.

– Em suma, quero que procure a fonte deste mal-estar que se sente por aqui. Investigue, faça perguntas, tranquilize-me. Só não esqueça é que Fátima tem muitos inimigos... mesmo dentro da Igreja. Encare isto como entender, mas aconselho-lhe cautela. – O bispo levantou-se: a reunião terminara.

– E onde posso eu ficar? Não me parece que seja fácil encontrar quarto na vila...

– Arranjei-lhe alojamento; fora de Fátima, para que mentes mais curiosas não tenham a tentação de o controlar. É uma aldeia simpática, a poucos quilómetros daqui. Está aí a morada. – Fez deslizar

sobre a secretária uma folha A4. – E uma lista das pessoas do Santuário que deve contactar em caso de necessidade. Eles têm instruções para lhe facilitar a vida, sem perguntas. O inspector da Polícia Judiciária que está a investigar o crime de hoje está à sua espera às 19 horas. Tem aí a direcção também. Sempre que precise, sabe o meu número directo. Boa sorte. E que o Senhor esteja consigo, Diácono Malta.

Desta vez, o bispo não recusou um beijo no seu anel. “Uma subtil reafirmação de autoridade”, fantasiou Samuel enquanto se despedia. Ainda não tinha fechado a porta e já a música do tal homem de génio se fazia de novo ouvir.